

A GÊNESE DA POLIFONIA EM DOSTOIÉVSKI

João Batista Diniz Ferreira¹
Jefferson Alves de Aquino²

Todos os heróis de Dostoiévski se interrogam sobre o sentido da vida. É nisso que eles são modernos: não temem o ridículo.[...] A existência é mentirosa ou ela é eterna. Se Dostoiévski se satisfizesse com esse exame, seria filósofo. Mas ele ilustra as conseqüências que esses jogos do espírito podem ter numa vida humana e é nisso que ele é artista

A. Camus

RESUMO

O presente trabalho tem a incumbência de desenvolver um estudo da obra do célebre escritor russo Fedor Mikhailovitch Dostoiévski, tendo como paradigma a idéia de polifonia. O estudo do conceito de polifonia, desenvolvido a partir do crítico soviético Mikhail Bakhtin em sua obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, nos mostra que a obra dostoiévskiana vem a ser um marco na concepção moderna de romance, e prova o quanto os personagens, concebidos como indeterminados, indefinidos, revelam a peculiar genialidade desse escritor russo. A gênese da polifonia foi aqui detectada através das obras *O Duplo* e *Memórias do subterrâneo*. A primeira é marcante pelo recurso de apresentar um só personagem com dupla personalidade, o que permitiu a Dostoiévski a representação dos desdobramentos da personalidade humana. Na segunda, encontraremos a figura do *homem do subterrâneo*, que se revela como uma reformulação complexa da interiorização do múltiplo em um só indivíduo.

Palavras-chave: Dostoiévski. Polifonia. Duplo. Subterrâneo. Existência.

Apresentação

Na segunda metade do século XX, o crítico soviético Mikhail Bakhtin desenvolveu a idéia de polifonia³ na literatura artística do escritor russo Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821-1881). Bakhtin esclarece o seu ponto de vista sobre este autor, na sua magna obra “*Problemas da poética de Dostoiévski*”, denominando-o como um grande inovador no campo artístico ao criar com suas obras o pensamento considerado de modo geral por tipo polifônico⁴. Em sua concepção, esta inovação na produção artística em geral, quebrou paradigmas em toda a tradição literária, principalmente na europa. Além, é claro, de causar transformações significativas na

¹ Bacharel em filosofia. Aluno do segundo ano de teologia no ITEP/CE.

² Professor Ms., orientador. Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA.

³ Segundo L.F. Pondé, a tese bakhtiniana se baseia na idéia de vozes equípolentes. Esse termo caracteriza ruídos de vozes contínuas e intermináveis, encontrado em Sócrates ou Platão, mas que apenas Dostoiévski conseguiu realizar essa poética perfeitamente. Cf. PONDÉ, L. Felipe. P. 124.

⁴Do grego Ποιησις, muitas e ποίησις, a voz, o som, ou seja, reunião múltipla e simultânea de vozes. Para Mikhail Bakhtin, Dostoiévski não é somente um romancista (que, aliás, abordou dentre outros temas, psicologia e filosofia), filósofo ou jornalista... Mas antes de qualquer denominação vaga, ele tratará este como um artista capaz de versar acerca de muitos dos problemas do Pensamento Universal. Cf. BAKHTIN, M. p-1.

produção posterior no contexto mundial, pois devido à sua profundidade literária, relaciona-se diretamente com a modernidade.

Em sua tese Bakhtin quer frisar como um dos objetivos de seu estudo sobre Dostoiévski, a contribuição deste para vários campos do saber, partindo da sua poética⁵, que embora sendo um ponto específico e inédito, abrange o conjunto da produção artística desenvolvida amplamente por este.

No presente artigo, abordaremos a temática da polifonia, tentando perscrutar a sua origem e o pleno desenvolvimento da mesma. Em nossa tarefa, servem-nos de base, a sua segunda obra *O Duplo* (1846), bem como *As memórias do subsolo*, obra esta tida convencionalmente como anunciadora definitiva dos heróis polifônicos (ou como devemos tomar: heróis dostoiévskianos).

1. O significado do ser polifônico

No intuito de abordar extensamente os diversos comentários críticos acerca da obra do escritor russo, Bakhtin assegura que a visão mais corrente é a de que nos discursos dos personagens tem-se “a impressão de que os discursos destes são verdadeiros conjuntos filosóficos”⁶ ou seja, em cada uma das obras, são apresentadas teorias filosóficas, “defendidas por heróis dostoiévskianos de forma autêntica e com temáticas distintas”⁷.

Esta impressão, porém, não é uma suposição banal, pois é esse desenvolvimento que iremos acompanhar de forma brilhante a partir de suas *Memórias subterrâneas* (1864), e nas obras posteriores (prenunciadas por esta), de maturidade, a saber, *crime e castigo* (1866), *O Idiota* (1868), *Os Demônios* (1872), *os Irmãos Karamazov* (1880), entre outras.

Um dos problemas apontados por Bakhtin, e que atinge a maioria dos estudiosos da polifonia de Dostoiévski, é o que podemos chamar de “árdua tarefa” de

⁵ Sendo a poética a arte da versificação e fonte de inspiração e, não sendo Dostoiévski propriamente um poeta, este estudo a partir da poética visa evitar erros anteriores de estudos direcionados apenas para uma possível temática ideológica deste autor, o que não procede neste crítico. Ou seja, pretende ele, com a poética, abranger a totalidade da obra desse autor. Neste caso, Dostoiévski deve ser tomado como um artista com posição especial frente aos demais, pois abrange os princípios gerais da própria *criação literária* desde sua origem.

⁶Para Bakhtin, esses discursos podem ser percebidos no personagem principal de *Crime e Castigo* (Raskólnikov), do *Idiota* (Príncipe Michkin), dos *Demônios* (Stavroguin), *Irmãos Karamazovi* (Ivan e o Grande inquisidor), entre outros. Cf. BAKHTIN, M. p.3.

⁷ Temos aqui deste modo, uma das características do que ele chama de polifonia dos personagens de Dostoiévski, com a predominância de mais de um discurso num mesmo personagem, que tem idéias muitas vezes distintas do próprio autor.

distinguir quem são os verdadeiros responsáveis pelas diversas idéias e teorias encontradas nas suas criações literárias, tendo em vista que para uns pesquisadores, a voz de Dostoiévski se confunde com a voz desses e daqueles heróis, para outros, é uma síntese peculiar de todas essas vozes ideológicas, para terceiros, aquela é simplesmente abafada por estas (ou seja, a do autor é sufocada pelas vozes dos personagens).

O que Bakhtin esclarece é que Dostoiévski não remete a si próprio na construção das idéias, “como algo idêntico a si”, como idéia própria, pois deve se levar em conta que a construção dos personagens dostoiévskianos passa por um processo evolutivo no qual não apresentam apenas vários discursos monológicos, mas até diversas idéias complexas, que vão tornando-se mais significativas juntamente com o desenvolvimento do enredo dos próprios romances. Permitindo-se deste modo que seus heróis atinjam sua “maturidade de pensamento”⁸, sendo este o caráter principal da construção “dialógica” que ocorre entre o autor e o personagem, e que foi delineada por Dostoiévski.

Em cada obra, Bakhtin verifica a grande inovação romanesca que foi empreendida por Dostoiévski ao se dar conta nas suas análises, da complexidade na qual os heróis dostoiévskianos estão inseridos, sendo dois os princípios primordiais deste desenvolvimento: o de *autonomia* e o de *responsabilidade*, por suas próprias elucidações.

Dostoiévski criou, portanto, um novo tipo muito especial de romance, o Polifônico.⁹ Este tipo de romance é especial, pois em relação aos personagens, a voz destes, “possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis”.¹⁰

O caráter de narrar desenvolvido por Dostoiévski, bem como o próprio romance polifônico em detrimento do romance monológico europeu, em que prevalece a idéia derivada do autor (e que vigorava na Rússia do século XIX), são apontados por Bakhtin, como um marco significativo na literatura contemporânea.

⁸ Ibidem...

⁹ “A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autentica polifonia de vozes plenivalentes (plenas de valor), pois, mantêm com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participante do grande diálogo, constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”. Cf. **M. Bakhtin, op. cit., p.4.**

¹⁰ Idem.

Essa inovação romanesca, com ausência de formas determinadas e com os personagens assumindo vários aspectos dentro de uma mesma obra, leva Bakhtin a afirmar que:

Do ponto de vista de uma visão monológica coerente e da concepção do mundo representado e do Cânon monológico da construção do romance, o mundo de Dostoiévski pode afigurar-se um caos e a construção dos seus romances algum conglomerado de matérias estranhas e princípios incompatíveis de formalização¹¹.

Este caráter de Dostoiévski, frente a críticas direcionadas para uma compreensão de suas obras, segundo Bakhtin, fizeram com que ela mesma chegasse a muitas visões incoerentes no que concerne às verdadeiras intenções desse autor¹², pois acabavam por seguir uma ou outra que não se enquadrava nem com o autor, muito menos com um dos seus personagens (pois os críticos não perceberam que estes eram indeterminados).

Porém, podemos apontar que o fascínio dos críticos por direcionarem as idéias desse autor para determinadas ideologias (irracionalista, eslavófilo, entre outras) ou teorias radicais, está no fato de todas as múltiplas abordagens deste se encaixarem nos objetos de estudo desses pensadores, e oferecerem para estes teóricos uma fundamentação para seus discursos, pois essas delimitações caracterizam-se como inovadoras e de análise profunda das diversas manifestações dos indivíduos e das situações das quais os mesmos compartilham¹³.

Para Bakhtin, não podemos detectar a verdadeira Arte de Dostoiévski quando se delimita os romances desse autor apenas como psicológico ou filosófico. Pois estes estudos delimitadores excluem os caracteres reais das obras de Dostoiévski, que são uma análise profunda da vida dos homens e de sua própria existência carregada de “*acontecimentos extraordinários*”¹⁴, os quais o autor tem a capacidade de narrar no papel e quem sabe sensibilizar seus leitores. Deste modo, Bakhtin considera que:

O universo de Dostoiévski é profundamente personalista. Ele adota e interpreta todo pensamento como posição do homem, razão pela qual, mesmo nos limites de consciências particulares, a série dialética ou

¹¹ Cf. M. Bakhtin, op. cit., p. 6.

¹² Idem p.7.

¹³ Principalmente da Rússia *czarista*, na qual viveu o autor e seus críticos. A Rússia é considerada por muitos críticos, dentre eles **Joseph Frank**, com material mais importante para suas obras. Cf FRANK, J. *Dostoiévski: as sementes da revolta*, p.16.

¹⁴ Pode-se detectar este fato com uma simples leitura de uma biografia séria acerca deste autor. Sua vida é reveladora de muitos ensinamentos para os seres humanos, seus limites, superações e manifestações.

antinômica é apenas um momento inseparavelmente entrelaçado com outros momentos de uma consciência integral¹⁵.

Para Bakhtin, a chamada monologação filosófica, empreendida por alguns estudiosos, que é caracterizada pelo desenvolvimento de uma única teoria a partir de uma obra ou personagem dostoiévskianos, suprime a riqueza da estruturação artística deste, além de reduzir as idéias de Dostoiévski em meras especulações filosóficas. Dostoiévski apresenta cada vez mais o seu caráter artístico ao dar “plena liberdade a seus heróis que podem até mesmo terem idéias distintas deste e desafiá-lo além, é claro, de ser uma demonstração da sua inovada força criadora.

Podemos propor que no *romance polifônico*, segundo Bakhtin, os personagens não são postos apenas enquanto objetos constituintes do discurso, mas são eles, os próprios construtores e estruturadores das suas idéias e dos discursos. Para se perceber a dimensão da inovação de Dostoiévski com o romance polifônico, basta compararmos este, com o romance tradicional. Pode-se então concluir na visão de Bakhtin, que “apenas um personagem (herói) de uma das obras de Dostoiévski é capaz de comandar toda a temática desenvolvida por um autor ao longo de uma obra que adota os padrões dos romances tradicionais (*romance comum*)”.

Bakhtin compartilha com as idéias de alguns críticos, dentre eles S. Askóldov¹⁶, segundo o qual, “a renovação de Dostoiévski consiste em representar o homem interior, partindo de uma visão geral (cosmovisão) da humanidade e transferindo isto para a psicologia individual dos personagens, tornando coerente a assimilação das idéias”¹⁷. Para Askoldov no romance polifônico, por ter sua construção de maneira constante e não se ter uma idéia definida, podemos assegurar que o mesmo é sem estilo ou com vários estilos num mesmo plano da obra. Em termos de valor esses romances enfatizam vários temas num mesmo enredo (*polifônico*).

Embora tenhamos a contribuição de vários críticos para que as obras de Dostoiévski fossem cada vez mais apreendidas por seus leitores, foi Bakhtin, porém, quem descobriu a chave para a compreensão do conjunto das obras de Dostoiévski — ou seja, a Polifonia.

¹⁵ Cf. M. Bakhtin. p-7.

¹⁶ Cf. Artigo “O significado ético-religioso de Dostoiévski” no Livro F. M. Dostoiévski. *Stati i Materiali*. Ed. Misl, Moscou-Leningrado, 1922.

¹⁷ Cf. M.B. p-12.

Quando se tinha apenas o romance monofônico, pensava-se que este estabeleceria os limites da realidade; porém com o novo modelo, os limites foram quebrados e/ou expandidos. Isto significa que Dostoiévski não escreve para determinadas classes, pois, verificando-se a sua análise profunda da psique humana, em suas obras, sua abordagem é concreta e, ao mesmo tempo, desconcertante. O que faz-nos discorrer que tais aspirações são capazes de penetrar nas mais até mesmo nas mais céticas consciências, camadas ou ideologias.

2. Os desdobramentos da personalidade: *O Duplo*.

Em relação à obra *O Duplo* de Dostoiévski, é marcante o fato de o autor utilizar o recurso de apresentação de um só personagem com dupla personalidade, o que permitiu a Dostoiévski a representação dos desdobramentos da personalidade humana. Temos neste caso uma antecipação dos processos psicanalíticos (principalmente na valorização que se dá à dimensão inconsciente do ser humano), posteriormente desenvolvidos por Freud. Na realidade é por meio desse estado que Dostoiévski representa o seu personagem, e que ele encontra as respostas mais importantes para suas indagações acerca da personalidade humana e, de maneira magistral ele nos esclarece os quantos às condições sociais influenciam no caráter do indivíduo. Não devemos esquecer, porém, que seu trabalho é um enfoque literário puramente inovador, por isso causou tanto equívocos.¹⁸

Ao escrever sua segunda obra literária, *O Duplo* (ou *O sócia*), logo após o sucesso de *Pobre Gente*, acreditava o jovem Dostoiévski que a mesma iria superar as expectativas do público e sua carreira literária estava garantida, pois ele considerava “*O Duplo*, dez vezes melhor que a primeira (*Pobre Gente*)”¹⁹, porém, o que presenciou-se a partir das análises críticas, foi uma generalizada rejeição, por parte da crítica e dos leitores.

Dentre as sugestões apontadas para elucidar a não aceitação de *O Duplo* no meio intelectual, podemos citar a falta de compreensão diante da ênfase profunda dada a seu personagem, ou seja, os críticos e o público estavam acostumados ao tipo de romance no qual o enredo e os personagens eram iguais ao que estava escrito na obra. O que não

¹⁸ Sobre sua relação com Tolstoi, afirma Gomide: “ao contrário da poética de Tolstoi, enganosamente mais próxima de padrões habituais do romance oitocentista, Dostoiévski é decididamente dissonante (...) sem dúvida o romancista russo que mais gerou respostas discrepantes.” Cf. **GOMIDE, Bruno Barreto.** *Entre livros*, p-36.

¹⁹ FRANK, J. *Dostoiévski: as sementes da revolta*, p. 381.

acontece com *O Duplo*, pois aqui temos um exemplo de ambigüidade no mesmo personagem, o que pode ter deixado o público equivocado, a respeito de alguma conclusão sobre o mesmo.

Na época do lançamento, o famoso crítico literário russo Bielinski, contemporâneo de Dostoiévski, chegou a afirmar que a obra descrevia “um caso de paranóia mental”²⁰, dando assim total descrédito à mesma. Os preconceitos iniciais em relação ao *O Duplo*, como frisa o crítico Rodolfo Pessanha, “são devido a que na segunda obra de Dostoiévski em relação à primeira (*Pobre Gente*), ocorreu uma mudança brusca comparável à mudança da lagarta em borboleta; as duas têm a mesma origem, porém com estruturas bem distintas”²¹.

Como tentar nos explicitar o crítico russo e tradutor naturalizado no Brasil Boris Schnaiderman:

O Sósia, o segundo romance contava com uma estrutura muita à frente da sua época: por vezes enigmático, estranho, com aquela duplicação da personagem central, sem uma definição de ‘mensagem’, sem a clareza de intenções que há no primeiro romance (*Pobre Gente*), embora este vá muito além das intenções explícitas. O *Sósia* é realmente um romance que está muito mais próximo do século XX que do ano em que foi publicado²².

Em *O Duplo*, como o próprio nome sugere, Dostoiévski expõe as experiências de vidas enfrentadas por um funcionário público Sr. Goliadkin, com sua dupla personalidade (consciente e inconsciente). De um lado temos um Sr. Goliadkin real, que aceita as determinações do sistema, portanto medroso e incapaz de qualquer iniciativa. Por outro lado temos o Sr. Goliadkin das intenções inconscientes, que se imagina um herói conquistador e ambicioso, capaz de reverter à situação de humilhado e ofendido na qual está posto.

O fato de retratar a duplicidade num personagem, além de ser algo destacável, dentro de seu meio cultural, é um campo aberto para equívocos, pois era algo inimaginável até então. Como nos sugere Pessanha “é a própria vida do personagem exposta a sua frente, cheia de dúvidas e contradições”²³. O não deixa dúvidas de nossa plena humanidade, isto é, indeterminados e fragmentados.

²⁰ Ibid , p-397

²¹ PESSANHA, Rodolfo Gomes. *Dostoiévski: ambigüidade e ficção*, p.12.

²² SCHNAIDERMAN, B. *Turbilhão e semente: Ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*, pp. 24-25.

²³ Idem.

Como já poderíamos prever, com o tempo a dupla personalidade acaba por formar um conjunto, porém cada uma predominando de modo particular, *ditando quase sempre, incoerentes e contraditórios procedimentos entre si*²⁴. O que acontece é que Dostoiévski revelou nesse romance, um exemplo claro do desdobramento da personagem a partir das muitas manifestações que lhe são postas na sociedade. Como se pode notar neste trecho onde o personagem vê-se *humilhado e ofendido*, e demonstra certa confusão mental no momento de tomar uma decisão:

...Quase sem dar por isso, deu um passo para a frente e Andriéi Filípovitch recuou. O senhor Goliadkin subiu dois degraus. Andriéi olhou à sua volta com inquietação. De um pulo, o senhor Goliadkin tornou a subir a escada, Andriéi correu a toda pressa e fechou a porta atrás de si. O senhor Goliadkin ficou só. Não conseguia compreender bem. Sentia-se longe dali, assombrado, como perante a lembrança de um acontecimento sem sentido. (...) Ouve cá embaixo, no fundo da escada, vozes e passos. Provavelmente são mais convidados de Olsuf Ivânovitch. O senhor Goliadkin recompõe-se um pouco. Levanta num ápice a gola da pele, esconde-se o mais possível e, depressa, correndo, desce a escada. Sente-se sem forças, como que entorpecido. Uma vez junto do carro, prepara-se para subir. No íntimo, o seu desejo é meter-se num buraco, esconder-se como um rato, a si e a carruagem. Convence-se de que em todas as janelas da casa de Olsuf Ivânovitch há gente que o espreita. Se voltasse, tem a certeza de que morreria²⁵.

Goliadkin no decorrer da trama irá finalmente perceber que é a sua própria consciência que o persegue e impulsiona a essa carga de ambigüidade nas relações, e que a dualidade presente no seu ser, é desdobramento dele mesmo.

O trabalho de Dostoiévski em retratar a dupla personalidade de um mesmo personagem é na fala do crítico e biógrafo de Dostoiévski, Joseph Frank, que consiste a sua genialidade, ou seja, “transforma o processo interno de uma criatura numa realidade dramática”²⁶.

A abordagem de Dostoiévski neste trabalho pode ser considerada enquanto uma verdadeira viagem às manifestações do subconsciente e da afetividade do Senhor Goliadkin, o personagem principal. O caráter deste personagem retratado em *O Duplo* está diretamente ligado à sua existência mesquinha enquanto funcionário público de baixa categoria, que recebe pouco e está insatisfeito com as condições injustas nas quais vive. Para Joseph Frank: “Dostoiévski encontra nele a inspiração para seu propósito de

²⁴ Idem . p. 18.

²⁵ DOSTOIÉVSKI, F. *Obra completa* (Vol. -II), p. 304.

²⁶ **FRANK, Joseph.** *Dostoiévski: As Sementes da Revolta*, p-396.

demonstrar os aspectos humanamente trágicos das frustrações psicossociais, pois seus personagens anormais e patológicos, sempre apresentam uma relevância sócio cultural”²⁷. Pode-se assinalar que esta obra é fruto das intenções do escritor em narrar situações reais com personagens simples de modo a sensibilizar as pessoas sobre as limitações psicológicas e causar ao mesmo tempo o conhecimento da natureza de cada um dos leitores e de si próprio.

Na época em que a idéia do *Duplo* foi desenvolvida, temos um Dostoiévski em plena juventude (28 anos) e que participa do *Circulo Revolucionário de Pietrachévski* e combate o sistema czarista, o que mais tarde resultou na sua deportação para a Sibéria, a grande *experiência existencial* de sua vida. A obra, portanto, como sugere Rodolfo Gomes Pessanha, “tem o caráter de revelar as intenções inconscientes do escritor que coloca na obra toda a sua indignação ante a situação de escravidão e degradação do ser humano na Rússia”²⁸. O que nos leva a assinalar outro motivo da temática de *O Duplo*: colocar-se cada vez mais instigante para nossas reflexões, a partir da destreza de Dostoiévski em construir uma obra em que o real assume o caráter de narração extraordinária, tendo em vista que esse real está sempre relacionado às experiências do autor ou mesmo ao contexto social (como é o caso do Sr. Goliadkin).

Temos aí um dos primeiros aspectos de toda a obra romanesca madura de Dostoiévski, que é o desdobramento da personalidade. O que permitiu a este fazer descobertas significativas acerca da personalidade humana, pois “Quem revela ao senhor Goliadkin a sua verdadeira natureza, quem lhe põe o problema da sua condição moral perante si próprio e a sociedade, é o seu duplo, ridículo, zombeteiro e metediço”²⁹.

Sendo que esta sua temática com *O Duplo*, constitui uma das primeiras apresentações de seus heróis polifônicos, e mostra-se como um desenvolvimento significativo diante do romance tradicional.

3. Anúncio da maturidade polifônica: *Memórias do subterrâneo*

²⁷ Idem p. 397.

²⁸ Segundo Frank, o Sr. Goliadkin e Dostoiévski estão preocupados com as conseqüências morais e psicológicas da ordem burocrática (rígida e imutável) vigente na Rússia de Alexandre II. Cf. FRANK J. *Os efeitos da libertação (1860 a 1865)*. In. introdução

²⁹ DOSTOIÉVSKI, F. M. *Obra Completa* (Vol. I). p-62.

Na segunda obra, *Memórias do subterrâneo* (1864), encontrar-se a figura do *homem do subterrâneo*, que se revela como uma formulação complexa da interiorização do múltiplo em um só indivíduo.

O fenômeno da contrariedade do *Homem do subsolo* presente nesta novela caracteriza-se como um prenúncio declarado dos heróis polifônicos dostoiévskianos, pois — ao mesmo tempo em que tem idéias distintas da maioria ao seu redor e faz críticas severas a tudo e a todos —, esse herói muito menos pode ser definido, levando em consideração uma de suas características.

Como percebemos na passagem na qual o personagem declara que “tomava gosto simplesmente em assustar os pardais”, ao mesmo tempo em que assegura que, “quando mais parecia furioso, bastava apenas a mínima atenção, uma chávena de chá, bastaria para apaziguar-lhe o seu estado afetivo”³⁰. A contradição do personagem que se coloca aqui com maior profundidade, que na sua segunda obra *O Duplo*, de maneira tal que permite ao leitor fazer uma reflexão das suas limitações afetivas e existenciais.

Podemos detectar a partir dessa *simples amostra* contida na novela, uma declaração de que o ser o qual Dostoiévski tenta representar, na pretensão de dirigir alguma mensagem aos homens, não é aquele caracterizado por sua bondade, ou aquele tomado por ações más, muito menos o meio-termo. Seus personagens são colocados, *para além de serem bons ou maus*: embora busquem uma definição, o que prevalece é o seu caráter de criaturas fragmentadas e com idéias fervilhantes em suas mentes.

Esta novela lançada no ano de 1864, quando o autor contava 43 anos, abre o período de transição para a fase mais criativa de Dostoiévski. Pela primeira vez (embora já tendo sido iniciado com *O Duplo*), Dostoiévski cria uma obra inteiramente preocupada em expor os perigos que a sociedade pode causar na personalidade do indivíduo, ou seja, quando não valoriza as manifestações que lhes são peculiares e valoriza muito mais aspectos estranhos a ele, como as determinações sociais exteriores ou apenas uma razão dita utilitarista.

A obra *Crime e castigo* é apresentada enquanto detentora da maturidade do romance polifônico dostoiévskiano, porém, pode-se afirmar com validade que foi a partir das *Memórias do subterrâneo* que se deu sua verdadeira intenção de dar um caráter definitivo a seu pensamento. A partir desta obra, dá-se início à sua grande inovação em relação ao romance tradicional.

³⁰ DOSTOIÉVSKI, F. *Obra Completa* (Vol. -II). p-666.

Pela primeira vez ele nos apresenta um personagem que caracteriza todos os traços presentes nos seus heróis das obras de maturidade, como Raskólnikov de *Crime e Castigo*, Míchkin de *O Idiota*, Stavróguin dos *Demônios*, Ivan Karamázovi e o Grande Inquisidor dos *Irmãos Karamázovi*, entre outros. A narrativa das *memórias* é transmitida por um autor-personagem e, as percepções e intenções às quais o mesmo deseja empreender, nos podemos verificar por suas próprias palavras (que se podem dizer: subterrâneas):

O autor destas memórias é, naturalmente, imaginário, como são imaginárias elas próprias. No entanto, indivíduos, assim como o autor destas memórias, não só podem existir, como hão de fatalmente existir na nossa sociedade [contemporânea], se levarmos em conta as circunstâncias em que geralmente elas se formaram. Eu quis pôr em relevo, perante o público, mais nitidamente do que de costume, um desses caracteres duma época passada, mas recente. [...] Neste fragmento intitulado “O subterrâneo”, a personagem apresenta-se a si mesma, expõe os seus pontos de vista e explica, como pode, e as razões pelas quais surge, e não tinha outro remédio senão surgir, no nosso ambiente...³¹.

Nesta passagem e por toda a obra, Dostoiévski nos esclarece o caráter particular de seu personagem, que é *imaginário*³², portanto as idéias não estão diretamente relacionadas a Dostoiévski, mas serão o resultado das suas múltiplas reflexões e vozes diante do mundo e da vida cada vez mais difícil de ser consolidada, o que leva o crítico Virgínio Santa Rosa a caracterizar estas suas “memórias” como “a mais tremenda explosão psicológica e do gênio filosófico de Dostoiévski”³³.

Logo de início o homem do subterrâneo começa a empreender a tarefa da qual está imbuído (a de apresentar-se em sua múltipla contrariedade), mostrando-se “um homem doente, mal, antipático”, ou seja, um ser típico do mundo presente (escravista e desumano) no qual vive, mas que tem “superstição pela medicina”; e que embora sabendo que a ciência poderia amenizar a sua doença do fígado, prefere continuar sofrendo, pois “não se trata é por pura maldade”, ainda porque, “não sabe explicar a quem prejudica com sua maldade”, senão a si próprio³⁴.

³¹ DOSTOIÉVSKI, F.M. *Obras completas* (Vol. II), p. 665.

³² Segundo L. F. Pondé, o homem do subsolo, Raskolnikov e Ivan Karamazov formam o trio no qual chegou ao mais alto grau da dor existencial (consciência clarividente), ou seja, a razão levada ao seu mais alto grau – ao paroxismo. PONDÉ, L. F. *Profecia e crítica*. p. 202.

³³ ROSA, V. S. *Dostoiévski: um cristão torturado* p. 386.

³⁴ “Sou mal. Nada tenho de simpático. Julgo estar doente do fígado, embora não o perceba nem saiba ao certo onde reside meu mal. Não me trato, e nunca me tratei, por muito que considere a medicina e os médicos, pois sou altamente supersticioso, pelo menos o bastante para ter fé na medicina”. Cf.

Estando, *As memórias subterrâneas*, dividida em duas partes (com os respectivos títulos: Memórias do subsolo e A propósito da neve *derretida*), verifica-se que a contrariedade do *Homem do subterrâneo* é uma forma de empreender análises profundas e críticas ante a realidade. No prolongamento da segunda parte, onde temos não apenas a concretização das Memórias, mas o personagem agindo de maneira tal que suas ações nas diversas circunstâncias anteriormente são expostas, explícita-se o que é o verdadeiro caráter polifônico.

Isto é prova também de que ao tematizar a multiplicidade de sentimentos que constituem os indivíduos, o personagem explora limites de nossa personalidade que por vezes são ocultos e que Dostoiévski consegue desenvolver de maneira tal, que cada indivíduo é atingido. Como enfatiza Ledo Ivo “é como se o leitor assistisse as suas próprias imagens potenciais”³⁵.

Podemos notar através da novela que seu modo de ação por ser centrado numa *infra-realidade*, acaba por torná-lo um herói indeterminado, pois o mesmo é capaz de adentrar nas múltiplas situações do seu próprio mundo (a sua parte inconsciente) e dos indivíduos autêntico, e em cada uma delas o homem do subsolo atinge os principais ângulos, mas que em vez de nos deixar esclarecidos, leva-nos sempre mais à inquietude por descobrir algo e, quem sabe uma verdade?

Fazendo-se um simples paralelo entre a primeira e a segunda parte da novela, o mesmo herói imaginário é apresentado em condições notavelmente distintas. O que nos possibilita termos uma noção significativa do caráter particular da narrativa e da estruturação do romance dostoiévskiano (embora não sendo esta a única). A própria divisão estrutural da obra em duas partes já é uma amostra de que se trata de um personagem complexo e indeterminado, pois na primeira parte denominada de subterrâneo, encontramos um herói que está preocupado com a situação dos indivíduos diante de vários fatores que dificultam uma convivência melhor, onde a temática atinge o clímax, com a oposição deste herói ante o homem de ação, “moderno e determinado.”³⁶ Constituindo-se, portanto, como um verdadeiro exercício dialético no

DOSTOIÉVSKI, F. *Obra completa*.(Vol-II), p. 665.

³⁵ DOSTOIÉVSKI, F. *Obra completa* (Vol. II), citado por Lêdo Ivo na introdução às OC– Aqui agora.

³⁶ “O Homem Moderno, confia em si mesmo e nas ciências, que na realidade são fantasias secundárias e nada dizem sobre o homem, mas apenas dá lhe a sensação de felicidade, (...) o homem contemporâneo é levado pela busca obcecada por resultados, sem ao menos refletir sobre s mesmos” Cf L F, Ponde. *Dostoiévski: crítica e profecia*, p. 201.

qual o homem do subterrâneo se mostra disposto a esmagar o seu rival (o homem de ação) na defesa do ser humano e da vida em todas as suas manifestações.

A oposição que o homem do subterrâneo (anti-racional) empreende contra o homem moderno (de ação) chega ao ponto deste primeiro negar a determinação matemática de que “dois mais dois são quatro”, bem como a afirmação de “que somos descendentes dos macacos”³⁷, pois para ele esta determinação acaba por prender o homem a determinações exteriores, o que é uma forma de negação da subjetividade dos seres humanos³⁸.

O homem do subsolo define o homem de ação (da razão prática), enquanto um ser desprezível, pois as ciências da razão funcionam para ele como um palácio de cristal, que o protege da lama no qual está inserido o mundo moderno. Porém este palácio, ao mesmo tempo em que dá ao homem de ação uma aparente tranquilidade, torna o mentiroso³⁹, já que “as leis naturais e as induções das ciências naturais (cristais)”, ocultam a realidade que o cerca.

Em comparação com o indivíduo moderno (adepto da razão) o homem do subsolo mesmo vivendo num galinheiro (que serve ao mesmo tempo como palácio, mais significativo que o primeiro), mesmo vivendo na lama da existência, — presencia a liberdade. Pode falar e expressar a sua subjetividade, de maneira aberta e sem a coação de uma ou outra delimitação de pretensão científica. A abordagem crítica da realidade faz com que suas reflexões não apresentem dados mentirosos. A vantagem do homem do subsolo em estar em oposição à razão moderna (o palácio de cristal), é que embora no galinheiro, pode manifestar seus próprios princípios, e sua humanidade.

O que o homem do subsolo pretende, é nos tornar conscientes sobre o fato de “muitos indivíduos serem excluídos de um convívio harmonioso”, pelo simples fato de estarem fora das muralhas que protegem “a verdade e as leis naturais”. Ele prefere negá-las, pois estas leis (das ciências exatas entre outras) além de humilharem os indivíduos, negam a liberdade do ser humano e tornam-no dependentes de suas decisões; com

³⁷ “O impossível é como uma muralha de pedras. Que pedras são essas? As leis da natureza, as induções das ciências naturais, as matemáticas, sem dúvida. Uma vez que por exemplo, te demonstraram que descendeis do macaco, é escusado fazer trejeitos; é preciso aceitar as coisas como são”. Idem. p-670

³⁸ Nos dias atuais pode-se citar o projeto de mapeamento do Genoma Humano, como tentativa de determinar de uma vez por todas as características dos seres humanos. Para o homem do subterrâneo isso constituiria um desperdício, pois o homem para ele, não pode ser determinado e possui características tais que nenhuma ciência poderá apreender, pois seria necessário adentrar na profundidade do ser humano. No seu caso, tenta-se provar a impossibilidade dessa, vaga, idéia.

³⁹ PONDÉ, L.F. Op. Cit., p.113.

exemplo disto seria o caso em que se a ciência determinasse que o homem moderno tem preocupações, embora ele não soubesse o que significaria isto, ele passaria a ter, nem que seja fosse por um curto período.

As determinações da razão (matemáticas, biológicas e das ciências em geral) não agradam ao homem do subterrâneo, que decide opor-se, a estas. Aceitando-as, seria o mesmo que adentrar no jogo da determinação dos ‘senhores das ciências’, algo inconcebível em sua consciência clarividente.

O herói desta primeira parte, porém, permanece apenas num jogo dialético o qual tem como base o enfrentamento das ciências modernas e todas as ideologias que excluem os seres humanos de uma vida fraterna.

Na segunda parte⁴⁰ temos, porém, o Homem do Subsolo não apenas enfrenta o mundo com suas angústias e críticas perante o caos em que a sua vida e o mundo estão postos, mas temos casos reais em que este consegue transmitir toda a sua carga de desconfiança frente aos homens modernos.

Dentre os episódios dessa segunda parte, temos o caso dos clientes da repartição em que ele prestava serviços, o encontro com o oficial que tinha ares de superioridade, o encontro com Lisa e o encontro com seus ex-colegas da infância; em todos esses casos o homem do subsolo revela-se totalmente adverso às determinações que são próprias desses seres de consciência pouco elevada, ou seja, vulgar. E que se revela com costumes distintos do seu, que se diz doente, pois considera que “uma consciência demasiado lúcida é uma doença, uma verdadeira doença”⁴¹.

A segunda parte poderíamos dizer que é a confirmação de suas *memórias* no que denominamos vida prática. Como é claramente exposto pela voz do ser do subsolo e que está presente na primeira parte: “o Homem do nosso século tem a obrigação moral de ser uma nulidade; pois o homem de têmpera, o homem de ação, de maneira geral é de vistas curtas”⁴².

⁴⁰ Na segunda parte da novela, denominada *A Propósito da neve derretida*, o autor das *Memórias* diz ter vinte e quatro anos. Nessa mesma época, com 24 anos, Dostoiévski frequenta assiduamente as reuniões do círculo de Petrachévski, o que permite Dostoiévski situar o seu personagem no período que atravessava, e que era caracterizado pelas buscas constantes de reconhecimento e resposta para suas aflições (financeiras, existenciais, etc), bem como a solução dos problemas de sua amada Rússia.

⁴¹ DOSTOIÉVSKI, F.M. *Obra completa* (Vol. II), p. 667.

⁴² *Idem*.

O episódio que constitui o clímax do romance, o desastroso encontro do homem do subsolo com a prostituta Lisa, é “uma paródia irônica e uma inversão do clichê do romantismo social russo, no qual o tema da redenção (da prostituta) tornou-se comum na literatura da Rússia, a partir de 1860, com o romance social”.⁴³ Pois o *Homem do Subterrâneo* que pretende atingir seu objetivo, que é salvar a prostituta de sua desgraça, faz uso de toda a sua criticidade desvelada, que vai muito além do sentimento de benignidade ou maldade. O que é, pois, um tratamento totalmente distinto do romance tradicional.

O herói do subterrâneo, portanto, sentindo piedade daquela criatura tendo consciência do seu destino cruel (na prostituição), descreve intencionalmente e com toda a crueza que lhe é peculiar acerca de tudo àquilo que lhe reserva a sua situação terrena, e o mais importante é que surte efeito. Seu objetivo é o de despertar pelo menos *a vida afetiva daquela infeliz criatura*⁴⁴, e salvar o que lhe resta ainda de suas energias humanas, cabendo a ela mesma decidir sobre a sua liberdade de ser humano.

Podemos afirmar que a segunda parte das *Memórias* constitui uma extensão da primeira, isto é, se temos a consideração de que nesta, em vez de o personagem permanecer filosofando acerca das limitações das ciências e da sociedade moderna, ele tenta praticar ações concretas, tendo em vista efetivar a compreensão de cada indivíduo a partir dos seus princípios.

4. Considerações finais

Desvendar, muitas vezes com infra-realismo, a psique humana, este foi o caminho empreendido por Dostoiévski na totalidade de sua produção artística.

O seu modo de adentrar na estrutura cognosciva dos seus personagens, além do habitual e com caracteres diversos (e muitas vezes contraditórios) em relação ao que convencionalmente se tinha por moralidade e consciência, nos impele a situar nosso autor russo, não somente como um profeta (precursor) da pós-modernidade, mas como um verdadeiro mensageiro de uma sociedade carregada de incertezas e desafios, além é claro, de ser inevitavelmente carente de compaixão pelo ser humano.

⁴³ Segundo Frank, o tema da redenção de prostituta, os Russos dos anos 1840 foram buscar nos românticos franceses como: Eugène Sue e Victor Hugo, e consistia basicamente na redenção da pessoa em se dedicar a outro trabalho, porém sem mudar em nada, as condições sociais e existenciais. O que não é compatível com o ser do subsolo, pois este age de modo tal a conscientizar o indivíduo, para que o mesmo torne se livre por inteiro, ou seja, por sua própria consciência. Cf. FRANK, J. *Dostoiévski: os efeitos da libertação (1860 a 1865)*, p. 457.

⁴⁴ Citado por NOGUEIRA, Hamilton. *Dostoiévski*, p. 12.

Podemos entender que a obra do escritor russo tem ampla ligação com a contemporaneidade, pois os problemas que ele suscita em sua produção literária estão diretamente ligados à nossa condição nos tempos modernos: as suas obras, verdadeiras criações artísticas, abrangem um vasto campo do conhecimento humano. Sua obra, interessando-nos, enormemente, como fonte de reflexão nas ciências humanas e em tudo aquilo que a razão dominante foi capaz de criar.

Notemos, por exemplo, os pontos de convergência entre a obra de Dostoiévski e a psicanálise, ou até mesmo o movimento surrealista, ou seja, dois exemplos modernos, que têm sua fundamentação e sentido na valorização da subjetividade, algo proporcionado por Dostoiévski, com seu caráter polifônico⁴⁵.

Por estes relatos, detecta-se que não é sem convicção, que o filósofo russo N. Berdiáev (1874-1948) afirma: “A preocupação exclusiva de Dostoiévski, o tema único ao qual consagrou a sua força criadora, é o homem e o seu destino... Para ele o homem é um microcosmo, o centro do ser, um sol em torno do qual tudo se move”⁴⁶.

Inicialmente o que podemos detectar no Sr. Goliadkin, personagem de *O Duplo* é a sua libertação (ou perda) do Eu, mas o que permanece é a dupla personalidade. Nesta, porém, o que se manifesta é um conjunto indefinido e deste modo, múltiplo (início da polifonia).

Essa duplicidade, entendida hodiernamente enquanto o consciente versus o inconsciente no indivíduo, é uma idéia desconcertante e que faz surgir nas obras de Dostoiévski idéias múltiplas e paradoxais, nunca antes presenciadas. É este caráter que vamos encontrar no ser do “subterrâneo”, ou seja, um indivíduo que foge de todas as determinações e padrões, mas que é fruto desta sociedade, e com a imaginação e consciência (clarividente) para esta.

Ante as ciências com a sua pretensão da verdade e as guerras a cruzarem nossos horizontes, Dostoiévski continua a lançar sua voz de compaixão e solidariedade em favor dos seres humanos que ainda são maltratados e excluídos por não serem compreendidos na sua condição de fragmentação e imperfeição.

⁴⁵O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), ao deparar-se com as *Memórias do subterrâneo*, o seu primeiro contato com o autor, disse encontrar nestas o “*material psicológico mais importante para sua vida e obra*, sendo Dostoiévski o *único psicólogo no qual ele aprendeu algo*”. A influencia deste é notável na quase totalidade da obra Nietzscheana (como o nihilismo, o espírito de vingança, o super-homem). Cf FOGEL, Gilvan. *Uma História da Filosofia*.p-114”.

⁴⁶ DOSTOIÉVSKI, F. *Obra completa* (Vol-I). P-59.

Essa relação estrita entre os heróis polifônicos e a modernidade vai ser um campo aberto para o surgimento da **Filosofia da Existência**, caracterizada principalmente como uma tentativa de repensar a posição do ser humano numa época contrária a seu pleno desenvolvimento.

Referências bibliográficas

SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas cidades, 1983.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*; trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*; trad. e apresentação de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Obras Completas em quatro volumes*; trad. Natália Nunes e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

_____. *Obra completa (Vol.II)*; trad. Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1967.

FOGEL, Gilvan. *A Determinação do espírito de vingança*. Uma História da Filosofia. Rio de Janeiro. Vol.-IV.p-113-155, 1990.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821-1881)*; trad.Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. *Dostoiévski: Os efeitos da libertação (1860-1865)*; trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2002.

GOMIDE, Bruno Barreto. *Uma Prosa do Tamanho da Rússia*. Entre Livros. São Paulo. Nº 4. p-32-50, 2005.

MORAIS Regis de. *Dostoiévski: o operário dos destinos*. 2ª.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

NOGUEIRA, Hamilton. *Dostoiévski: crítica e interpretação*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1974.

PESSANHA, Rodolfo Gomes. *Dostoiévski: ambigüidade e ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e Profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Editora 34, 2003.

ROSA, Virgínio Santa. *Dostoiévski: um cristão torturado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1981.